

Em MT, 80 índios discutem autonomia

Do correspondente em CUIABÁ

A completa autonomia do índio na definição de seu destino no contexto nacional constituiu o principal tema discutido durante o encontro mantido por representantes de oito das principais nações indígenas do Estado de Mato Grosso, que se reuniram desde o dia 28 até ontem na aldeia nhambiquara junto ao córrego Tira-catinga, 27 quilômetros a sudoeste da antiga base da missão jesuíta de Utiariti. Quatro jornalistas que chegaram para a cobertura do encontro, já em seu penúltimo dia, acabaram sendo expulsos, depois de uma assembléia de chefes. Os padres do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Antônio Iasi Junior e Thomás de Aquino Lisboa, apesar de lamentarem o fato, reconheceram que o gesto significa que os índios "estão assumindo a sua consciência de povo, os seus direitos e decidindo sobre seus próprios destinos".

Para discutir problemas comuns, especialmente as questões relacionadas com o direito à terra, 80 índios representantes dos grupos Tapirapé, bororo, xavante, irantxe, nhambiquara, Rikibaktsa e beço-de-pau se reuniram na aldeia do Tira-catinga tendo como únicas presenças brancas, além dos padres Antônio Iasi Júnior e Thomás de Aquino Lisboa, dois religiosos leigos e uma irmã. Quando, na tarde de quinta-feira os jornalistas chegaram, levados pelo padre José de Moura — missionário de Utiariti —, o "capitão" Antônio os aceitou, mas logo depois o "capitão" João Aesumaré, da tribo pareci, considerou a presença da imprensa como uma "invasão de brancos" e ameaçou retirar-se com seu povo, caso os jornalistas não

saíssem imediatamente. Os representantes do Cimi ainda tentaram uma solução conciliatória, sem resultado.

O padre Iasi, que por ser favorável à permanência dos jornalistas chegou a ser acusado pelos índios de "apoiar a invasão branca", pediu aos representantes da imprensa que encarassem os fatos "dentro de uma visão antropológica". Ele e Thomás de Aquino lembraram que pela primeira vez os próprios índios decidiram quem deveria ou não permanecer numa reunião de chefes de diversas nações.

O "capitão" João Aesumaré foi o primeiro a se manifestar contra a presença dos "estranhos". Ele argumentou: "Quando a gente vai a Brasília para falar com o presidente da Funai, tem que passar por muita gente. Fala com esse e mais aquele. Agora estamos num encontro em nossa terra. Na terra do índio. Como é que eles chegam assim, sem avisar, assustando o índio?"

ASSEMBLEIA

O capitão Antônio, da Aldeia-sede, mais conciliador, disse que tinha conhecimento de que os jornalistas iriam chegar, mas João Aesumaré continuou indignado. Para tentar contornar a situação, Antônio ainda convocou uma assembléia de todos os chefes presentes para discutir o assunto. Os xavantes e irantxes mostraram-se o tempo todo favoráveis à permanência dos jornalistas, mas a maioria foi contra.

João Aesumaré acusava os jornalistas de "escrever mentiras que prejudicam o índio" e se referia diretamente a uma matéria publicada há algum tempo por um jornal do Rio, onde se dizia que a tribo pareci con-

siderava "as coisas mais importantes andar de bicicleta e ter óculos escuros e uma eletrola".

Depois da reunião dos chefes, que foi realizada na noite de quinta-feira, o jovem Maracanã, dos parecis, foi comunicar a decisão aos jornalistas, à frente de representantes das outras tribos, com exceção dos xavantes. Armado de arco e flechas e trajando apenas um minúsculo calção, Maracanã avisou que os jornalistas deviam deixar imediatamente a aldeia de Tira-catinga.

"Aqui é terra de índio — afirmou. Estamos discutindo o nosso futuro. Branco não precisa saber de nada. Tudo aqui pode ficar com a gente. Tem jornalista bom e tem jornalista mentiroso. Por isso não queremos nenhum aqui. É bom que vocês vão embora já e nem fiquem em Utiariti esta noite." Utiariti, uma antiga sede da missão jesuíta, às margens do rio Papagaio, é a única base de apoio numa área de 400 quilômetros.

O padre Iasi acompanhou até lá os jornalistas de O Estado de S. Paulo e de "O Globo". Antes de saírem, os repórteres receberam as solidariedade dos índios Josué e Emilio, membros do conselho tribal da nação xavante, considerada uma das mais esclarecidas. "Isso não acontece entre os xavantes — disseram. Lá todo mundo é feliz. Jornalistas só têm ajudado a gente. Estamos tristes com a pobreza do povo que está aqui. Muitos pensam pouco, não têm idéias e não sabem como é que deve ser o índio. Estamos infelizes porque vocês vão embora. Vamos convidar vocês para irem à nossa aldeia. Lá é diferente. Tem muitas crianças, todas com saúde. Os padres ajudam a gente não pode chorar por nada".